

RESENHA

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas: Editora Alínea, 2011. 265 p.

*Wilson Aparecido da Mata **

A resenha intenta contribuir para a divulgação das reflexões a respeito do papel que ocupa a educação na obra de Marx e Engels, seu desvelamento, esclarecimento e sua relação com a educação na atualidade. O livro *Educação e ensino na obra de Marx e Engels* é a publicação de uma parte da tese de livre docência de José Claudinei Lombardi, intitulada *Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels*. O livro ora resenhado está organizado em seis capítulos, sendo eles: 1. *Iluminismo e enciclopedismo: luzes, progresso e revolução*; 2. *Minhas referências de análise: as balizas do marxismo*; 3. *A Categoria modo de produção e o princípio da união entre ensino e trabalho*; 4. *Análise marxiana sobre educação no modo capitalista de produção*; 5. *Trabalho e instrução das crianças trabalhadoras*; 6. *Marx e Engels: fundamentos da proposta pedagógica comunista*. Ao final, o autor apresenta suas considerações finais.

Deve-se destacar que o autor é doutor em Educação (área de concentração em Filosofia e História da Educação) pela UNICAMP e livre docente em História da Educação. Atualmente é professor livre docente da Universidade Estadual de Campinas, na Faculdade de Educação, e coordenador executivo do grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), sendo também membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação. É autor de diversos artigos publicados em revistas científicas e de livros, ora como organizador, ora como autor, tendo também escrito diversas apresentações e prefácios em obras de dezenas de autores.

* Docente da Universidade Federal do Paraná. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: vdamata@hotmail.com

Respeitando diferentes posicionamentos entre autores da educação, o objetivo desta resenha é apresentar uma contribuição para o debate do papel da educação na obra de Marx e Engels. Para tanto, desde o início, Lombardi deixa já clara a tese que permeia todo o texto: a educação não pode ser analisada sem levar em consideração que ela é parte integrante da sociedade e que é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida. Por este motivo, o autor inicia seu primeiro capítulo (*Iluminismo e enciclopedismo: luzes, progresso e revolução*), retomando a longa transição do feudalismo ao capitalismo, apresentando as principais posições filosóficas e científicas que tomaram corpo no período. Esta breve apresentação é o plano sobre o qual se contextualizam as posições marxianas e engelsianas sobre a sociedade capitalista. Lombardi reitera, primeiramente, que as complexas questões filosóficas nem sempre se apresentaram como polos opostos apenas (empiristas *versus* racionalistas), mas que há, a partir da Renascença, uma retomada de embates da filosofia clássica grega e que os posicionamentos tornam-se inevitavelmente mais amplos.

O contexto, descrito pelo autor, do Iluminismo, da Revolução Francesa e das contradições engendradas naquele processo histórico, levam à reflexão das contradições entre as classes e frações de classe do modo capitalista de produção. Assim, a oposição entre o liberalismo burguês, de um lado, e o socialismo, de outro, marca a contradição entre duas maneiras de pensar a sociedade. Este desenvolvimento leva o autor a analisar, apoiando-se em Hobsbawun, os primeiros socialistas utópicos clássicos (Saint-Simon e Owen), chegando à descrição das três posições que aglutinam os movimentos e lutas proletárias: socialismo, anarquismo e comunismo. Começando pelo socialismo, o autor explica que, apesar de sua pluralidade, de modo geral tem por base a administração coletiva dos meios de produção e de distribuição de bens e serviços. Como movimento heterodoxo, o anarquismo não privilegia nenhum autor, sendo capaz de tolerar variações. A explicação das obras e das ideias dos autores anarquistas, embora sucinta, dá esclarecimento sobre as principais reivindicações e preocupações dos anarquistas, salientando semelhanças e diferenças com a concepção comunista. O comunismo, na explicação de Lombardi, ganha morfologia de movimento político teoricamente mais sólido com as manifestações dos tecelões de Lyon e da Silésia. “Como um

movimento político, o *comunismo* foi sendo construído na radicalização do movimento proletário e fermentou particularmente na ala esquerda da *Liga dos Proscritos* "[...]" (p. 50). Este movimento ganha matizes mais e mais revolucionárias e se transforma, em 1846, na *Liga dos Justos*, que, por sua vez, manteve ligações com outras ligas na Europa a partir da França. Quando muda-se para a Inglaterra, passa a se chamar *Associação Cultural dos Operários Alemães*, transformando-se em centro de agitação comunista e liderada por Weitling. É nessa época que Engels entra em contato com a Liga dos Justos e, através de Engels, Marx também se aproxima da liga. Já com a participação de Marx e Engels, a Liga dos Justos passou a chamar-se *Liga dos Comunistas*, ficando, os dois jovens alemães, com a responsabilidade de escrever o manifesto dessa nova liga, que deu origem, em 1848, ao *Manifesto Comunista (Manifest der Kommunistischen Partei)*.

No segundo capítulo *Minhas referências de análise: as balizas do marxismo*, Lombardi pretende explicitar sua posição como análise a partir e no interior do marxismo. Esclarece a importância da obra de Marx e Engels, explicando, ao mesmo tempo, que a construção de uma perspectiva materialista, dialética e histórica não se esgota nas elaborações marxianas e engelsianas, mas é um processo em construção. Por outro lado, alerta para as tentativas de desvios e revisão, que, embora pretendam guardar relação de proximidade com o marxismo, possuem existência própria.

A partir da tese de que os homens são produtos das circunstâncias materiais e da educação e que a prática educativa é efetivada de maneira tal que o próprio educador precisa ser educado, o autor traz à tona a questão da *práxis revolucionária*, que modifica o mundo existente, mas a partir do conhecimento, da produção teórica, da filosofia em conjunto com o fazer prático. Nesta descrição de suas referências de análise, Lombardi visita as categorias marxianas e engelsianas centrais na análise da educação: a revolução, que é mudança qualitativa e profunda da sociedade e não pode ser confundida com revisões e reformas simplesmente; a luta de classes como motor da história e uma interessantíssima reflexão sobre a violência como parteira da história. A partir da descrição dessas categorias, conclui, a partir de Marx, que uma revolução só é possível pela existência de uma classe com um caráter universal e que, ao se emancipar, emancipe toda a humanidade, uma classe forjada pela sociedade capitalista, mas que

promova a radical revolução da ordem social existente. Ao final do capítulo, Lombardi, esclarece que a educação não pode ser discutida abstratamente, mas no contexto em que surge e se desenvolve, o que implica compreender que a proposta pedagógica, ou o projeto educacional da burguesia e do proletariado são contrários, opostos, uma vez que no contexto da sociedade capitalista, a questão da luta de classes leva a incontestáveis contradições entre as proposições de educação e qualificação profissional, expressando o próprio movimento contraditório da história e das lutas de classe.

No terceiro capítulo *A categoria modo de produção e o princípio da união entre ensino e trabalho*, Lombardi explora a categoria modo de produção como categoria central de análise. Primeiramente, apresenta sua compreensão da categoria modo de produção para, em seguida, articular a relação desta com a educação.

Sobre a perspectiva marxista e a educação, Lombardi marca sua oposição às concepções que entendem a educação como uma ideia que paira sobre a cabeça dos homens, iluminando-lhes o destino. A educação, numa perspectiva marxista, deve ser analisada como um campo da atividade humana construído conforme as condições objetivas que correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, historicamente construídas pelos homens e, com isso, a elaboração de uma crítica profunda da sociedade burguesa e das condições contraditórias do modo de produção capitalista, possibilitando a elaboração de premissas gerais para a “educação do futuro”. “Essa educação deveria incluir formação geral e formação científica necessária à compreensão de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, iniciar as crianças e jovens no manejo de ferramentas dos diversos ramos industriais” (p. 105).

Como prosseguimento dessas questões, no quarto capítulo do livro *Análise marxiana sobre educação e modo capitalista de produção*, Lombardi entende que a problemática educacional é integrante do quadro teórico de análise do processo de subordinação do trabalho ao capital na obra de Marx. Empreende então uma análise das diferentes formas históricas de acumulação capitalista, da acumulação primitiva até a maquinaria e a grande indústria, demonstrando, em cores fortes, os efeitos da industrialização sobre o corpo e o intelecto não só dos trabalhadores adultos, como também e principalmente, das crianças, uma vez que a

exploração do trabalho infantil foi amplamente aplicada pelo capitalismo.

Muito embora não seja este o eixo central do livro, Lombardi elabora uma revisão dos textos de Marx e Engels a respeito da exploração da força de trabalho infantil bastante interessante, destacando suas devassas consequências. Nesta senda, o autor desvenda as condições menos que humanas do trabalho infantil e a total falta de estrutura da escola, que aprofunda a divisão técnica do trabalho entre aqueles que planejam a produção e aqueles que devem alimentar as máquinas. O trabalhador foi transformado em autômato, em complemento vivo para um mecanismo morto. Lombardi reflete sobre a educação como sendo um tema ideológico e politicamente apreciado pela burguesia no contexto da total separação entre trabalho manual e intelectual, uma vez que dá lugar à proposição enfática de educação profissional. Contraditoriamente, as péssimas condições e organização escolares criam o perfeito cenário para que a instrução, ginástica e trabalho manual sejam conjugados. O princípio produtivo da indústria moderna fez aperfeiçoar a ciência e a tecnologia, posto que, para ela, nenhum processo de produção é definitivo ou eterno, por isso, é revolucionária na medida em que necessita transformar constantemente os processos produtivos. Esta é a base sobre a qual uma educação politécnica e omnilateral pode e deve emergir. A educação do futuro precisa germinar das condições e das limitações impostas pela forma unilateral e moral da educação burguesa, para daí superar a divisão do trabalho a partir da tomada do poder político. Com isso, Lombardi encerra este extenso capítulo, lembrando que não se trata de uma perspectiva ingênua, mas do resultado de uma análise que leva em conta a charlatanice daquilo que se convencionou denominar de formação profissional que, *mutatis mutandi*, permanece como charlatanice nos cursos de reciclagem e qualificação profissionais da atualidade.

O capítulo cinco *Trabalho e instrução das crianças trabalhadoras* inicia com um esclarecimento acerca da posição de Marx sobre o trabalho infantil: para o autor alemão, o trabalho infantil na indústria era uma tendência irreversível, não era desejável, mas a indústria capitalista não poderia prescindir dessa categoria de trabalhadores. A questão central deste capítulo é esclarecer que o problema não está no trabalho como categoria ontológica, mas na exploração capitalista do trabalho que se constitui em

abominação. Uma das expressões dessa exploração do trabalho é o fato de que a moderna indústria, ao empregar crianças, diminuía substancialmente seus gastos com força de trabalho. “Estabelecia-se um círculo vicioso, pelo qual os baixos salários pagos às crianças conduziam à diminuição do salário do adulto e estes, por sua vez, levavam à necessidade de os pais fazerem seus filhos trabalhar” (p. 167). Assim, a utilização do trabalho infantil contribuiu para o rebaixamento do salário e o aprofundamento da exploração da mais-valia.

Ao fim de dramática exposição das condições menos que humanas às quais as crianças eram submetidas sob o tacão do capitalismo, Lombardi descreve a legislação fabril e a regulamentação do trabalho infantil na Inglaterra, seguindo as obras de Engels e de Marx. Destacando a devastação intelectual que o trabalho semiescravo da fábrica promove. Tal situação obriga o parlamento inglês a estabelecer o ensino primário obrigatório que, no entanto, não se concretiza a não ser muito precariamente, como comprovam os relatos dos inspetores de fábrica. É importante registrar, entretanto, que a época em que Marx e Engels elaboram suas bem documentadas análises, a segunda metade do século XIX, é também a época em que se estabelecem as primeiras regulamentações quanto à escola primária pública, gratuita e obrigatória. Seguindo Luzuriaga, Lombardi descreve a trajetória da constituição da educação como instrumento de formação do Estado Nação moderno. Em longa citação de Engels, apresenta-se o estado de degeneração intelectual das crianças operárias. Nessa longa citação (p. 207-209), Engels enfatiza a ignorância da classe e a impossibilidade de acesso à cultura “[...] por temor da burguesia que concede a cultura conforme seu próprio interesse” (p. 209).

No contexto da superexploração do trabalho infantil, não havia tempo disponível para as crianças dedicarem-se aos estudos, ao mesmo tempo, nem as leis que tornaram o ensino primário obrigatório eram cumpridas, nem os investimentos em estrutura e formação dos professores eram minimamente suficientes. Raras foram as exceções em que industriais proporcionavam condições mais humanas de trabalho, alojamento e instrução para as crianças. De maneira geral, este capítulo expõe as sérias deficiências da formação dos trabalhadores ocasionada pela formação muito deficiente dos professores, normalmente trabalhadores afastados e

semianalfabetos e até mesmo ex-detentos que só encontravam na função de mestre a possibilidade de exercer uma atividade remunerada. Além do mais, as instalações escolares eram absolutamente insalubres. Finalizando o capítulo, Lombardi destaca que as análises de Marx e Engels acerca das condições da fábrica e da escola formam a base sobre a qual edificam o pensamento sobre a educação do futuro, que seria pública, obrigatória, gratuita e laica e na qual se efetivaria a indissolúvel união entre trabalho e educação, com a superação do ensino meramente técnico por um ensino politécnico.

Em seu capítulo sexto *Marx e Engels: fundamentos da proposta pedagógica comunista*, Lombardi se propõe sintetizar e articular as principais observações de Marx e Engels em direção a uma educação comunista e formação integral do homem. O pressuposto é de que essa educação seja pública e gratuita, que o trabalho infantil seja erradicado e que a educação seja combinada com a produção material. Frisa também que em Marx não há uma negação pura e simples da educação burguesa, mas uma proposta de superação dela. A educação não pode nem deve desprezar o trabalho, mas deve contribuir para a superação da exploração do trabalho. Para tanto, três aspectos devem ser observados: a formação intelectual, a formação corporal e a formação tecnológica. O Estado deve elaborar regulamentações, mas, para não se tornar mais uma medida de controle do aparato burguês, não cabe a ele intervir nas questões educacionais, bem como reprimir iniciativas encetadas pela educação, que deve ser livre e laica, gratuita e sem interferência político-ideológica, contribuindo assim para tornar a ciência em verdadeiro instrumento de emancipação humana e não mais em instrumento de dominação de classe.

Finalizando o livro, Lombardi reafirma a simplicidade da tese que o motivou: “a educação (e o ensino) é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida material” (p. 235). Esta tese confirma-se como o fio condutor do livro e deixa claro que a educação é uma das dimensões das relações historicamente estabelecidas pelos homens e, particularmente, no modo capitalista de produção e as relações entre classes e frações de classe. Lombardi elenca quatro aspectos que julga os principais a uma pedagogia marxista: 1. A defesa da educação pública (estatal), gratuita, laica, obrigatória e universal para todas as crianças; uma conquista do movimento socialista amplamente incorporada ao ideário e à legislação

burgueses; 2. A combinação da educação intelectual com a produção material, ou, na formulação de Marx: a combinação de instrução, ginástica e trabalho produtivo, com o objetivo de superação da diferença entre trabalho intelectual e trabalho manual; 3. A educação deve ser o veículo de desenvolvimento integral do homem. A partir do processo educacional, todas as necessidades devem emergir; “a busca pela sobrevivência, o prazer, a criação e o gozo da cultura, a participação na vida social, a interação com os outros homens, a autorrealização e a autocriação” (p. 237); 4. A modificação das relações no interior da escola, da competição para a cooperação e para o apoio mútuo. Tal mudança pressupõe “[...] uma relação biunívoca e reciprocamente enriquecedora entre professor e aluno e uma relação mais aberta entre a escola e a sociedade” (p. 237).

Como instituição historicamente determinada, articulada à existência humana, a educação pode ir além da mera reprodução burguesa e vincular-se plenamente à edificação de uma sociedade sem classes. Diante do atual desenvolvimento e integração dos conhecimentos científicos e tecnológicos aos processos produtivos, o papel da educação na reprodução social e seu potencial revolucionário, faz-se necessário um debate amplo sobre a inserção da educação no quadro atual de apologia do fragmentário e do particular, do subjetivo e do irracional. Para Lombardi, diante de tal quadro não podemos ficar na defensiva, mas devemos “[...] resgatar as armas teóricas de um ponto de vista que vislumbra a materialidade, a totalidade histórico-social, a objetividade e a racionalidade revolucionária” (p. 239). É com a transformação radical da sociedade que um mundo verdadeiramente humano pode ser construído, e essa é uma tarefa do comunismo, ou, do compromisso com uma sociedade sem a opressão, sem as classes, igualitária e sem Estado. Neste processo, cabe ao educador comunista realizar uma radical crítica à sociedade burguesa e organizar uma prática educativa que possibilite o saber produzido historicamente a cada pessoa no mundo.

Finalizando esta resenha, a leitura do livro de José Claudinei Lombardi nos leva a refletir que existem objetivos que não podem ser alcançados por nossa geração e que há objetivos na luta pela transformação radical da sociedade que cabem à nossa geração. Nosso papel é identificar, a partir de uma rigorosa análise da conjuntura, qual o papel da nossa geração, quais funções nos foram legadas pelas gerações passadas e

as quais deveremos legar para as próximas. A mudança na direção do desenvolvimento societário da humanidade não pode ser deixada à mercê de sua própria sorte, pois o modo capitalista de produção é autofágico e, se deixado à própria sorte, terminará apenas com o extermínio de cada ser vivo sobre o planeta. A mudança dessa direção deve ser pautada pela racionalidade revolucionária que acumulará as armas críticas que levarão à concretização das condições materiais de uma mudança que se sustente e que acene para um futuro melhor do que o presente.

Data de registro:03/01/2012

Data de aceite:31/10/2012